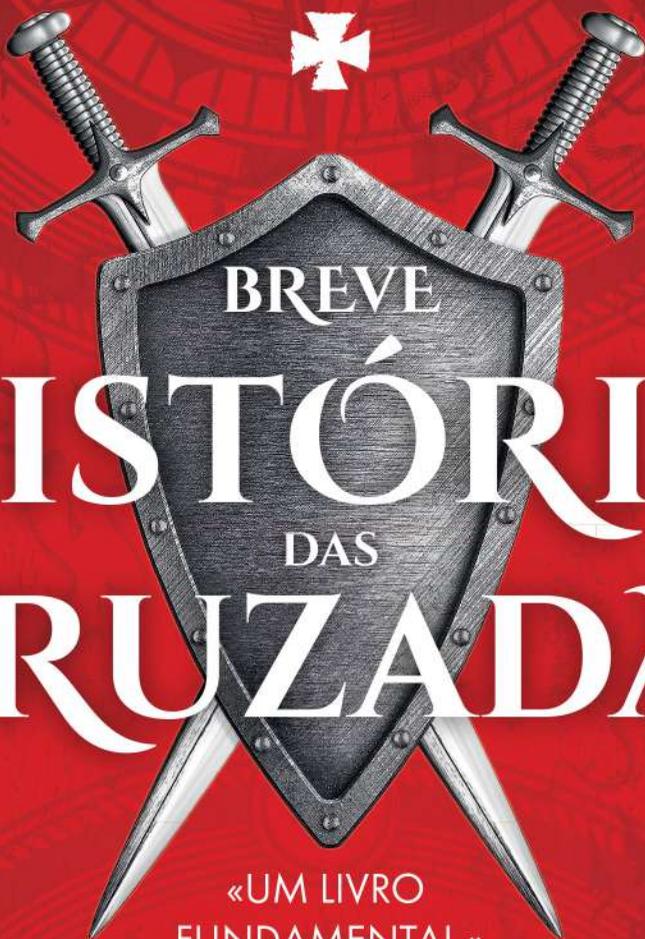


LARS BROWNORTH

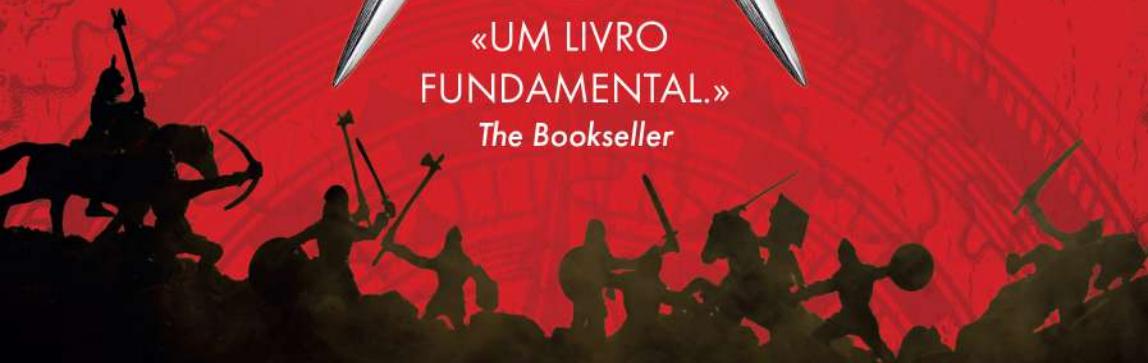
Especialista em História Medieval



BREVE  
HISTÓRIA  
DAS  
CRUZADAS

«UM LIVRO  
FUNDAMENTAL.»

*The Bookseller*



O relato magistral de dois séculos de luta pela Terra Santa,  
cujos efeitos ressoam até aos nossos dias.

v o g a i s

# ÍNDICE

Lista de Personagens .....	9
Lista de Mapas .....	15
Prólogo: Jarmuque .....	17
1. A Pena e a Espada .....	23
2. A Cruzada Popular .....	39
3. A Cruzada dos Nobres .....	59
4. A Longa Marcha .....	79
5. Antioquia .....	87
6. Jerusalém, a Dourada .....	103
7. <i>Outremer</i> .....	117
8. O Campo de Sangue .....	131
9. A Tormenta Iminente .....	143
10. O Fervor de Claraval .....	151
11. A Cruzada do Rei .....	159
12. A Marcha da Insensatez .....	171
13. Saladino .....	179
14. A Terceira Cruzada .....	189
15. <i>Coeur de Lion</i> .....	197
16. Consumidos pelo Fogo .....	211
17. A Cruzada das Crianças .....	229
18. A Sexta Cruzada .....	243
19. A Sétima Cruzada .....	253
20. Preste João .....	261
21. A Última Cruzada .....	267
Epílogo: O Que Veio Depois .....	277
Bibliografia .....	285

## Prólogo

# JARMUQUE

Nos primeiros meses do ano 636, um exército montado em camelos atravessou a fronteira da Síria e — no que pareceu um ataque suicida — invadiu o Império Romano Oriental. Este Estado, mais conhecido por Bizâncio, era o resplandecente pilar cultural da Cristandade, cujas fronteiras se expandiam da costa atlântica do sul de Espanha a ocidente aos desertos da Arábia Saudita moderna a oriente.<sup>1</sup> O império parecia encontrar-se em ascensão por todo o lado. Ao fim de quatro séculos de guerra intermitente, a Pérsia, inimiga antiga de Roma, tinha sido finalmente derrotada, decisivamente esmagada pelo brilhante imperador-soldado romano, Herácio.

Os cronistas bizantinos foram céleres a sagrar o seu reinado como a nova era dourada. O envelhecido imperador foi saudado como um novo Moisés por libertar o seu povo da escravidão do medo, um novo Alexandre, o Grande, a destruir a ameaça persa, e um novo *Scipio Africanus* vencendo um Aníbal moderno e restaurando a glória de Roma. Mais uma vez, a *Pax Romana* espalhará-se pelas terras mediterrânicas devastadas pela guerra.

Por outro lado, os invasores eram oriundos das vastidões desérticas da Arábia, uma região fora das fronteiras do mundo civilizado, povoada por insignificantes tribos quezilentas. Além de alguns ataques ao território imperial, os povos desta região árida não desempenharam um papel importante na história da Humanidade e não deram mostras de que alguma vez o fariam. No entanto, em 622, o filho carismático de um condutor de camelos, chamado Maomé, declarou que ele era o último profeta de Deus, que viera purificar a mensagem corrompida do Judaísmo e do Cristianismo.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> A capital do Império Romano Oriental era Constantinopla. Uma vez que Bizâncio foi o nome original da cidade, os historiadores modernos referem-se ao seu império tanto por «Império Bizantino» como por «Bizâncio».

<sup>2</sup> Maomé afirmou que Alá se revelara através de muitos profetas — sendo Moisés e Cristo dois dos mais proeminentes — mas que a mensagem deles se tinha tornado

Maomé não era um simples excêntrico ou homem forte efêmero, tendo doutrinado obediência absoluta e submissão (*Islão*) à vontade de Deus, e combinando-a com um sistema político e militar que fez do Islão mais do que uma mera religião.<sup>3</sup> Inspirou as tribos rivais da Arábia com uma visão do mundo dividida entre os que se haviam submetido ao Islão — Dar al-Islam, a «Casa do Islão» — e os que ainda tinham de ser conquistados — Dar al-Harb, a «Casa da Guerra». As vastas energias dos Árabes, em vez de se dissiparem em contendas de extermínio mútuo, focaram-se na expansão da Casa do Islão com a ponta da espada.

O sucesso desta primeira grande onda de *jihad*, ou guerra santa, foi avassaladora. Numa década, os exércitos muçulmanos haviam conquistado grande parte da Arábia, e, apesar de Maomé ter sucumbido de febre em Meca, em 632, uma linhagem de sucessores igualmente agressivos deu seguimento ao avanço.<sup>4</sup> Em 634, começaram os ataques surpresa em território imperial antes de chegarem em força dois anos depois. O seu sentido de oportunidade não poderia ter sido melhor.

Apesar de aparência resplandecente, o poder bizantino era uma miragem. As duas últimas décadas da mais recente guerra tinham custado ao império mais de 200 mil baixas, deixando-o vulnerável e exausto. As divisões religiosas devastaram as províncias a sudeste, e a tentativa do imperador de erradicar opiniões hereges pela força apenas as piorou. O império necessitava desesperadamente de uma liderança, mas por volta de 636, o herói conquistador, Heráclio, era uma sombra de si próprio, de ombros descaídos e mãos trémulas. Desgastado por 25 anos no trono, revelava sinais de instabilidade mental e começara a sofrer de violentos espasmos que viriam a matá-lo pouco tempo depois.

---

incompreensível ao longo dos tempos. A sua revelação era a última versão «pura» que suplantaria as corrompidas.

<sup>3</sup> «Islão» significa «submissão» à vontade de Alá.

<sup>4</sup> O pragmatismo foi uma das chaves do sucesso de Maomé. Embora pregasse obediência rigorosa, estava disposto a fazer concessões a costumes profundamente enraizados, como a escravatura e a poligamia.

O imperador pode não ter compreendido o inimigo que enfrentava — tal como a maioria dos Bizantinos, ele assumiu que era uma nova heresia cristã ou uma seita judaica —, mas pelo menos reconheceu uma ameaça e reuniu um forte exército de 80 mil homens para defender o império. Por se encontrar demasiado enfermo para o liderar pessoalmente, montou um centro de comando em Antioquia, a segunda maior metrópole do império, e enviou o exército sob a liderança de um grupo de generais para a vizinha Síria, onde a força islâmica aguardou.

Os dois exércitos encontraram-se numa planície arenosa perto do Jarmuque, um dos afluentes do rio Jordão. Era um local inóspito, uma região montanhosa na fronteira entre as nações modernas de Israel, Jordânia e Síria, a sudeste dos disputados Montes Golã. No século VII, era um local ainda mais remoto, ladeado por desertos intransitáveis e colinas queimadas, e de forma alguma o local ideal para uma das batalhas mais decisivas da História.

A força bizantina era bastante superior — pelo menos numericamente — mas, ao vislumbrar o seu inimigo, ficou estarecida. Ao longo de cinco dias, enviou grupos de batedores de ataque, monitorizando-os, mas recusando-se a atacar. Enquanto hesitava, os reforços muçulmanos afluíam, tornando mais forte a força islâmica e desmoralizando a cristã.<sup>5</sup>

Quem agiu primeiro foi o exército muçulmano. Na manhã de 20 de agosto de 636, os Árabes atacaram sob a cobertura de uma tempestade de areia, que soprava nos rostos dos seus inimigos. A princípio, o exército imperial resistiu, mas no calor da batalha 12 mil dos seus aliados árabes cristãos — cujo pagamento estava seriamente atrasado — trocaram de lado, e o exército imperial ficou arruinado. Em pânico, cercado e confuso, tinha muito poucas hipóteses. À medida que tentava lutar por segurança, a grande maioria foi chacinada.

---

<sup>5</sup> Não havia abastecimento de água entre a força de socorro muçulmana e o exército principal, pelo que o criativo comandante islâmico deu toda a água possível a beber aos seus camelos antes de partir, mandando os seus homens matá-los depois no caminho para colherem a água.

Em Antioquia, a notícia do desastre teve um profundo impacto no que restava da mente já de si deteriorada de Heráclio. Arriscara tudo nesta batalha e perdera. Por conseguinte, acreditando que fora abandonado por Deus, não fez mais qualquer tentativa para travar o avanço islâmico.<sup>6</sup> Ao retirar-se para Constantinopla, fez uma única e breve paragem na Cidade Santa de Jerusalém.

Apenas seis anos antes, entrara na cidade em triunfo, levando às costas a relíquia mais sagrada do império — a Vera Cruz. Vestido como um simples mendigo, andara descalço pela Via Dolorosa que Cristo percorrera até à sua crucificação. O caminho terminou na Igreja do Santo Sepulcro, a magnífica basílica construída por Constantino, *o Grande*, e ali Heráclio pendurou o seu prémio por cima do altar-mor. Fora o ponto alto do seu reinado, prova irrefutável de estar sob a proteção de Deus.

Heráclio entrou mais uma vez na igreja, agora como uma figura destroçada e patética. Poucos espetadores teriam dado pelo simbolismo, uma vez que o monarca, cuidadosamente, retirou a Vera Cruz e carregou-a num navio juntamente com a maioria das outras relíquias da cidade. Chorando copiosamente, foi-se embora, deixando o Oriente cristão abandonado à sua sorte.

Privados de liderança e incapazes de compreender este novo agressor, o império desmoronou-se a uma velocidade surpreendente. O Médio Oriente romano — que fora cristão durante mais de três séculos — recebera, de facto, o seu golpe fatal. Menos de um ano após a batalha, o Califa em pessoa entrou em Jerusalém, arrancando a cidade das mãos dos cristãos. No espaço de um ano, Damasco caíra juntamente com o resto da Síria e da Israel de hoje, e da Jordânia. Ao fim de uma década, tanto o Egito como a Arménia caíam; ao fim de duas décadas, o Iraque e grande parte do Irão tinham desaparecido. Menos de um século após a batalha de Jarmuque, exércitos islâmicos tomaram posse do Norte de África e Espanha, e estavam a cerca de 20 quilómetros de Paris. Três quartos do mundo cristão tinham desaparecido,

---

<sup>6</sup> Os súbditos do imperador concordaram com esta análise. Após a morte da sua primeira mulher, Heráclio casou com a sua sobrinha, e esta união incestuosa foi popularmente defendida como a causa da maior parte dos problemas do império.

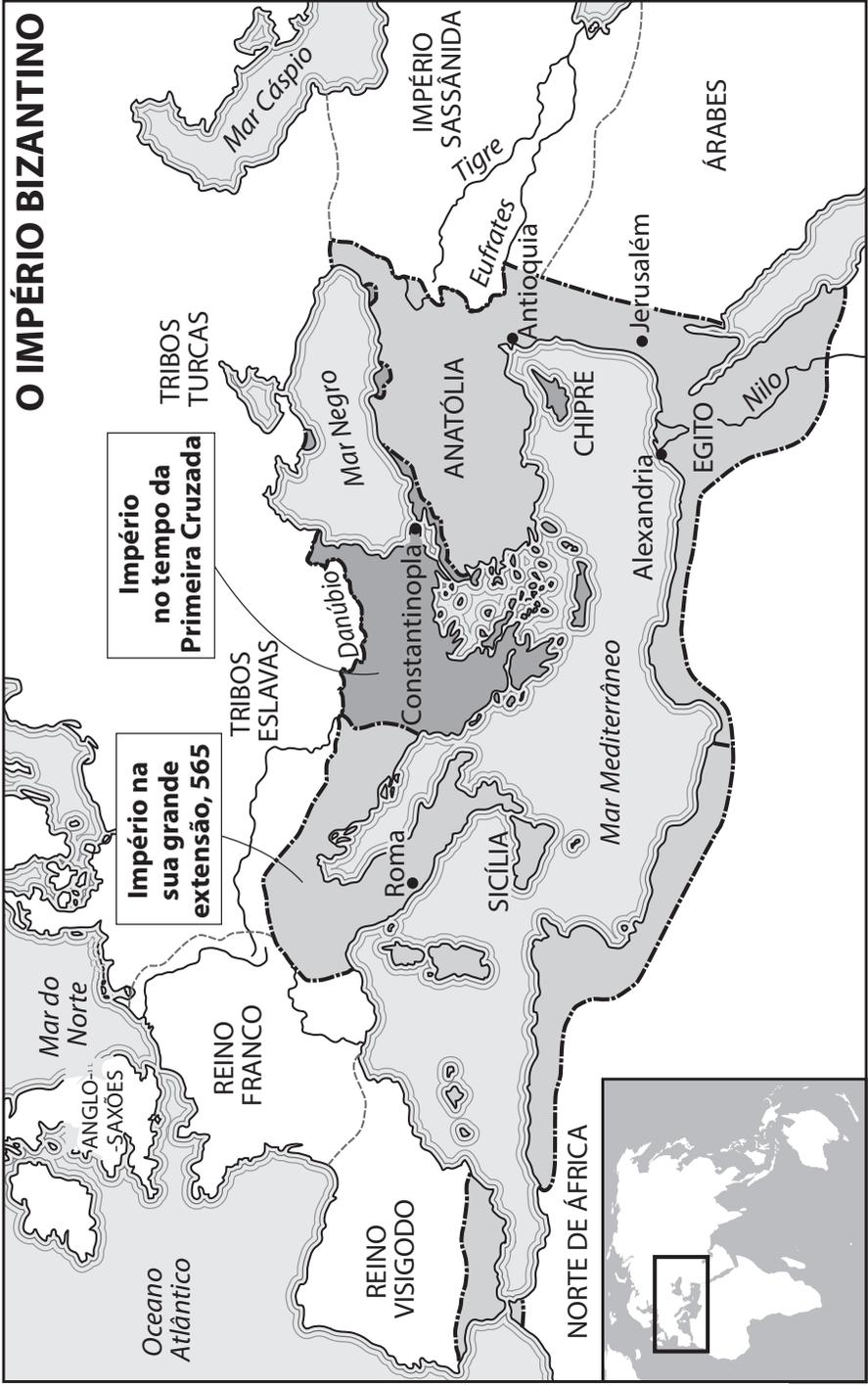
e, o mais desolador de tudo, o Cristianismo fora expulso da sua terra natal.

O estado de espírito foi resumido pelo Patriarca de Jerusalém, que entregara a cidade aos seus novos senhores para evitar mais derramamento de sangue. Enquanto observava o Califa, montado num camelo tão branco como a neve, a mover-se para tomar posse do Monte do Templo, sussurrou: «*Contemplai a abominação da desolação...*».<sup>7</sup> Era um sinal — como Cristo previra — de que o fim do mundo estava próximo.

---

<sup>7</sup> Mateus 24:15.

# O IMPÉRIO BIZANTINO



## Capítulo 1

# A PENA E A ESPADA

«Uma raça amaldiçoada, uma raça completamente alienada de Deus [...] invadiu violentamente as terras dos cristãos [...].»

URBANO II EM CLERMONT

Em 1093, havia finalmente chegado o momento pelo qual o imperador romano do Oriente, Aleixo I, esperara durante todo o seu reinado. O grande inimigo muçulmano encontrava-se desagregado e fraco; um persistente empurrão e a prosperidade e a paz — duas coisas que haviam faltado durante gerações — estariam ao alcance.

Mais de uma década antes, na sua coroação, em 1081, Aleixo prometera restaurar as fortunas imperiais, mas tudo indicava ser muito mais provável apenas presidir ao seu colapso final. Durante mais de 400 anos, Bizâncio, a metade oriental do antigo Império Romano, estivera sob cerco. Por altura do nascimento de Aleixo, em meados do século XI, os implacáveis e destruidores avanços islâmicos tinham reduzido o Estado que se estendia pelo Mediterrâneo a um devastado resquício que é hoje a Turquia e a Grécia. O declínio chegara em 1071, uma década antes de Aleixo ascender ao trono, quando os Turcos, um grupo de novos invasores da Ásia Central, destroçaram o exército bizantino na remota cidade arménia de Manziquerta e capturaram o imperador com o seu séquito. O sultão vitorioso colocou o seu pé no pescoço imperial como se o soberano humilhado fosse um escabelo cerimonial, e os Turcos — segundo o cronista bizantino contemporâneo Michael Psellus — jorraram na Ásia Menor como «um dilúvio grandioso».<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> A «Ásia Menor» originalmente referia-se à parte da província romana da Ásia evangelizada por S. Paulo. Consiste em grande parte da Turquia dos nossos dias, e é mais ou menos permutável com o termo «Anatólia».

Ao mesmo tempo que a fronteira oriental se desmoronava, as fronteiras ocidentais encontravam-se sitiadas. Os aventureiros Normandos, os descendentes dos Vikings, que se tinham estabelecido em França, entraram na península italiana, atraídos pela promessa de terras maduras para a colheita. Liderados pelo formidável Roberto Guiscardo (também conhecido como Roberto de Altavila) e o seu gigantesco filho, Boemundo, os Normandos conquistaram o sul de Itália quase sem resistência. Em 1081, dirigiram-se para a Grécia e, em apenas poucos meses, estavam a uma distância impressionante da própria Constantinopla. A única questão parecia ser se o império cairia nas mãos dos Normandos ou dos Turcos.

Esta litania de catástrofes foi exatamente o que levou Aleixo ao trono. O seu predecessor idoso, com quase 80 anos, e demasiado exausto para oferecer qualquer resistência, tinha sido facilmente despachado para um mosteiro. Enfrentar dois inimigos determinados sem o benefício de um exército fiável era uma proposta muito mais difícil, mas — com um misto de diplomacia, coragem, e alguns subornos oportunos — Aleixo conseguiu impedir o colapso imediato.

Durante os 14 anos seguintes, trabalhou incansavelmente, tentando estabilizar as fronteiras e, pelo menos, restaurar algo semelhante a prosperidade para o seu povo. Lenta, mas seguramente, a maré começou a mudar. Uma sucessão de fracos sultões turcos na Ásia Menor falhou na intenção de manter os seus emires clientes na linha, e em 1095, o sultanato tinha-se desintegrado grandemente em emirados rivais.

Este era o momento — cuidadosamente alimentado com ouro bizantino — para o qual Aleixo se estivera a preparar. Agora, com o seu grande inimigo dividido e fraco, uma contraofensiva poderia empurrar os Turcos para fora da Ásia Menor e desfazer os danos de Manziquerta. Uma tal oportunidade de ouro poderia nunca mais voltar a surgir.

Infelizmente, no entanto, para tirar partido disso faltava-lhe o exército. A perda da Ásia Menor privara o império da maior parte dos seus soldados veteranos. Aleixo remendou uma força de mercenários e recrutas em bruto que parecia suficientemente

impressionante a marchar pela Porta Dourada de Constantinopla, mas inútil em combate real. A primeira vez que a liderou contra um exército como deve ser, a força militar foi imediatamente despedaçada. E o mesmo aconteceu a duas tentativas sucessivas de reforma do exército, que tiveram o mesmo resultado.

O problema era menos de número do que da qualidade dos mercenários, que foram em grande parte atraídos das tribos bárbaras vizinhas e cuja lealdade, na melhor das hipóteses, era questionável. Quando confrontados com os resistentes e disciplinados exércitos ocidentais ou com os mais numerosos exércitos orientais, tendiam a entrar em pânico. Se Aleixo conseguisse encontrar tropas de confiança — algumas centenas bastariam —, elas agiriam como um tônico, reforçando a determinação das restantes.

Felizmente, havia uma fonte de tais homens pronta à sua disposição. Quando atacavam, os cavaleiros fortemente armados da Europa Ocidental eram praticamente invencíveis. Com o equilíbrio certo — tropas suficientes para fortalecer o seu exército, mas poucas para se manterem sob controlo —, Aleixo podia empurrar completamente os Turcos para fora do território imperial.

O único aspeto ainda por resolver era decidir exatamente a quem pedir. Com certeza, ele não poderia escrever a Boemundo — ou a qualquer outro líder normando — e persuadi-los a sofrer um segundo arrombo no império. Nem poderia simplesmente escolher um monarca do confuso atoleiro de pequenos Estados europeus, uma vez que era improvável que tivessem os recursos necessários. Havia apenas uma figura com posição suficiente que saberia a quem pedir apoio e que teria o poder para garantir que Aleixo o receberia. O imperador dirigiu o seu fatídico pedido de ajuda ao papa.

Os embaixadores bizantinos encarregados de entregar o pedido de Aleixo foram dar com o papa Urbano II a presidir a um conselho da igreja de Piacenza, uma cidade nortenha de Itália. Esta foi a primeira grande reunião do pontificado de Urbano, e ele ficou agradado por ter na assistência tão distintos visitantes do Oriente. Por tradição, os Bizantinos recusavam-se a reconhecer a autoridade suprema de Roma — um lapso que já havia causado uma

grave dissidência com o Oriente<sup>9</sup> — e foi gratificante ter presentes os representantes pessoais do imperador. Quase sem hesitar, convidou-os a falar à assembleia.

Tendo em conta o ambiente, os embaixadores escolheram sabiamente apelar ao sentido de fraternidade cristã em vez de às recompensas mundanas das riquezas terrestres para inspirar o seu público. Como é evidente, fizeram-se sugestões tentadoras de riquezas que se poderiam obter no Oriente culto, mas a maior parte do tempo parece ter sido concentrado na perseguição e sofrimento que os cristãos orientais eram forçados a suportar. Os Turcos, alegavam com todo o pormenor, encontravam-se às portas de Constantinopla. As antigas comunidades cristãs do Oriente — como Antioquia, onde a palavra «cristão» fora usada pela primeira vez — estavam submersas por uma inundação muçulmana. Os exércitos do Islão já tinham apreendido todas as sete igrejas mencionadas no Livro do Apocalipse e, se não fossem controlados, em breve ameaçariam também o Ocidente. Certamente, concluíram, todos os bons cavaleiros cristãos tinham o dever de vir em defesa dos seus irmãos orientais e proteger Constantinopla, o grande pilar da civilização cristã.

O argumento era persuasivo, tinha o grande benefício de cair em terreno muito fértil no que dizia respeito ao papa Urbano. Quando dispensou o conselho e se dirigiu para norte sobre os Alpes, para a sua terra natal, França, começou a tomar forma na sua mente uma grande e audaciosa visão.

O papado conhecia muito bem a ameaça islâmica à Europa Ocidental. Roma, propriamente dita, fora saqueada por um ataque surpresa de um grupo muçulmano no século ix, e os invasores tinham conseguido queimar parcialmente a Basílica de São Pedro. As terras cristãs do Norte de África — lar de Santo Agostinho e outros líderes influentes da Igreja — tinham sido engolidas pelo avanço islâmico, juntamente com a maior parte da Espanha cristã.

---

<sup>9</sup> Em 1054, os emissários do papa excomungaram o Patriarca de Constantinopla que, por sua vez, reagiu excomungando o papa. Este episódio — conhecido como o Cisma Oriental — deu início a uma cadeia de eventos que dividiu permanentemente o mundo cristão em dois: o católico (ocidental) e o ortodoxo (oriental).

Agora que Bizâncio estava dominado, a Cristandade encontrava-se cercada por todos os lados pelo Islão.

Em circunstâncias normais, seria de esperar que um rei ou um imperador recorresse às armas para defender a Cristandade, mas não existiam candidatos disponíveis. A autoridade real era praticamente uma espécie em perigo no Ocidente. Graças à natureza descentralizadora dos acordos feudais e ao costume germânico de dividir a herança de um pai entre todos os seus filhos, a autoridade de um governante raramente se estendia para além do alcance imediato do seu palácio. Apenas o papa tinha o estatuto moral de liderar uma ofensiva contra a ameaça muçulmana.

A ideia de uma campanha militar pancrestã tinha sido lançada pelo predecessor de Urbano, Gregório VII. Num arroubo particularmente imaginativo, Gregório propusera um exército de todas as nações da Europa Ocidental com ele próprio a liderá-lo. Como Moisés, ele libertaria o povo de Deus da opressão dos Turcos, e demonstraria espetacularmente o seu papel papal como defensor dos fiéis.

Gregório morreu antes de poder realizar os seus sonhos, mas Urbano, que fora um confidente próximo, encontrava-se agora em condições de o fazer.<sup>10</sup> Ao viajar para norte através dos Alpes, no verão de 1095, transformou a ideia na sua mente, refinando-a num plano muito mais ambicioso do que Gregório imaginara.

## CLERMONT

A visita do papa a França foi uma espécie de regresso a casa. Quase 60 anos antes, ele tinha nascido como Odo de Châtillon, o filho mais novo de uma família nobre na região vitivinícola de Champagne, no nordeste de França. Contudo, a razão ostensiva para a viagem não foi a de visitar os pitorescos vales da sua juventude, mas o comportamento ultrajante do rei francês, Filipe, o *Amoroso*.

---

<sup>10</sup> Ironicamente, a ideia original de Gregório era deixar o Sacro Imperador Romano, Henrique IV, a cargo do Ocidente enquanto ele se encontrava ausente a lutar. Não muito depois de considerar isto, porém, os dois homens estavam violentamente em desacordo sobre a Questão das Investiduras — uma luta pelo controlo secular das nomeações na Igreja — e Gregório acabou por excomungar Henrique.

Filipe tinha-se apaixonado pela mulher do conde de Anjou, esquecendo-se de ser discreto sobre o caso amoroso. E tudo se agravou, ao tratar terrivelmente a sua mulher, a rainha. Na altura em que ela deu à luz o seu filho, Filipe divorciou-se dela alegando que era demasiado gorda, antes de raptar a amante. As sucessivas tentativas dos bispos franceses para o convencerem a devolver a mulher raptada ao conde de Anjou falharam, e mesmo a ameaça de excomunhão não fez o rei mudar de ideias.

Para resolver esta situação e outros abusos, Urbano anunciou um grande conselho da Igreja que teria lugar em Clermont, na região de Auvergne, no centro da França, a 18 de novembro, com a duração de dez dias. Apesar de a participação nestas reuniões se restringir ao clero — sem dúvida alguma, uma decepção para os curiosos —, foi anunciado algo invulgar. No penúltimo dia, a catedral local estaria aberta ao público para que o papa pudesse fazer uma declaração de grande importância.

A proclamação obteve o efeito desejado. As pessoas das zonas rurais circundantes deslocaram-se a Clermont, ansiosas por ouvir as palavras do papa. A euforia continuou a crescer ao longo da semana apesar dos ventos frios de novembro que se faziam sentir e da natureza rotineira das primeiras reuniões, nas quais a simonia, a prática de compra ou venda de bens espirituais ou de objetos ligados a benefícios espirituais, tinha sido condenada, assim como o casamento de sacerdotes e a nomeação de bispos por líderes seculares. Como era expetável, foi novamente ordenado ao rei Filipe que desistisse da amante, ao que ele recusou, pelo que foi oficialmente excomungado.

Ao nono dia, as multidões eram tão grandes que não cabiam dentro da catedral, tendo sido construída uma plataforma especial num grande campo mesmo à saída do portão oriental da cidade. Urbano, que conduzira na perfeição todo o espetáculo, levantou-se e começou a falar. O que se seguiu pôs literalmente toda a Europa em movimento.

Surpreendentemente, não sabemos *exatamente* o que ele disse. Embora existam quatro depoimentos contemporâneos, incluindo um que afirma ter sido testemunha ocular, nenhum afirma ser um registo textual, e todos foram escritos alguns anos após o evento.

Muito provavelmente, cada autor escreveu o discurso que acreditava que o papa *deveria* ter proferido. No entanto, apesar de terem pormenores diferentes, todos concordam com a ideia geral do que foi dito.

O papa parece ter começado por descrever as condições deploráveis das comunidades cristãs do Oriente. Fez eco das preocupações bizantinas sobre os maus-tratos infligidos pelos Turcos, a destruição de santuários cristãos e o assassinato de peregrinos cristãos. Em vez de se concentrar em Constantinopla, Urbano fê-lo em Jerusalém, que para a mente medieval ocidental era o centro literal do mundo.

Enquanto os cristãos no Ocidente se afadigavam em pequenas guerras em casa, os seus irmãos e irmãs em Jerusalém estavam a ser chacinados. A Cidade Santa, onde Cristo vivera, morrera e ressuscitara, estava sob o jugo de um inimigo cruel e blasfemo. No monte do templo, os Muçulmanos tinham erguido a Cúpula do Rochedo, que continha uma inscrição avisando os cristãos para cessarem de adorar a Cristo e que «a justiça de Deus é rápida». Os santuários dos fiéis que se mantinham lá estavam a ser encerrados ou ocupados, os cristãos nativos eram expulsos, e os peregrinos eram amiúde assaltados, torturados e mortos.

Os poucos cristãos que optaram por ficar foram submetidos a um tratamento aterrador. Como o monge francês, Roberto de Rheims, se lembra de Urbano ter dito:

(Os Turcos) têm prazer em matar outros, esventrando-os, extraindo a extremidade dos seus intestinos, e atando-a a uma estaca. Depois, açoitando-as, obrigam as vítimas a andar à volta da estaca, com as suas vísceras a derramarem-se no chão, até caírem mortas. Amarram outras, mais uma vez, a estacas e disparam flechas sobre elas; agarram outras, esticam-lhes os pescoços, e tentam ver se conseguem cortar-lhes a cabeça com um único golpe de espada. E o que posso dizer sobre o chocante estupro de mulheres?<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Roberto de Rheims pode ter estado presente em Clermont, mas provavelmente só escreveu as suas memórias do discurso de Urbano duas décadas depois.

Tendo pintado este cenário emocional, Urbano deu o seu golpe de mestre. Aqueles que não tinham as suas consciências tranquilas — e a vida medieval não era nada se não fosse manchada de sangue — podiam redimir-se, marchando em auxílio do Oriente. Podiam trocar os seus conflitos fratricidas pelo propósito superior de uma guerra honrada, e se morressem pelo caminho seria apenas para trocar a dor desta vida pelas ricas recompensas do céu.

Foi nesta parte final do discurso que Urbano subtilmente acrescentou algo de novo à doutrina da Igreja. Desde a época de Santo Agostinho, no século v, que os pensadores cristãos ocidentais ensinavam que as guerras poderiam ser *justas* se cumprissem certos padrões.<sup>12</sup> Urbano, no entanto, sugeria algo mais. Dirigira-se à sua audiência como «soldados de São Pedro», e tinha-os encarregado de defender a Igreja. A luta normal em que um cavaleiro se empenhava — busca de mais terras, riqueza, ou poder — colocava a sua alma mortal em perigo, pondo-o em risco de danação no Dia do Juízo Final. No entanto, a luta para recuperar Jerusalém era por uma causa maior, e ajudaria, portanto, a limpar a alma de pecado. O cavaleiro que pegasse nesta cruz tornar-se-ia um *militia Christi* — um cavaleiro de Cristo — purificado pelo ato de piedade e peregrinação. A cruzada era mais do que uma guerra justa, era uma guerra santa.<sup>13</sup>

Quando o papa terminou de falar, ouviam-se os choros dos homens e gritos estrondosos de «*Deus Vult!*» (Deus o quer!), que se tornaram um rugido quando o ilustre clérigo, Ademar de Le Puy, subiu para a parte da frente da plataforma e se ajoelhou perante o papa. Como ele se comprometeu a viajar para Jerusalém, um dos homens do papa apareceu com duas tiras de pano vermelho, cosendo-as em forma de cruz no ombro do manto de Ademar. Foram tantos os cavaleiros e aristocratas menores que abriram

<sup>12</sup> Tinham de ser iniciadas por uma autoridade legítima por uma causa legítima, só podiam ser combatidas para corrigir uma injustiça, e tinham de ser combatidas como último recurso.

<sup>13</sup> O Islão teve o conceito de Guerra Santa — *jihād* — desde o seu início, mas o Cristianismo sempre o rejeitou, em diversos graus.

caminho por entre a multidão para «receberem a cruz» que os homens do Papa ficaram sem tecido e tiveram de rasgar peças de vestuário doadas para fornecerem cruces suficientes.<sup>14</sup>

Até Urbano foi apanhado de surpresa por esta resposta entusiástica, que foi mais devida a um grande despertar religioso que varria a Europa desde o início do século, do que ao carisma do papa. O pavor apocalíptico era um aspeto constante da vida medieval, mas o alvorecer do século XI parecia particularmente assombroso. Tinha decorrido um milénio desde a encarnação e ressurreição de Cristo, e existia uma sensação crescente de que o mundo estava desgastado e a chegar ao seu fim. Era evidente que o julgamento final estava claramente a aproximar-se.

Para escapar ao crescente sentimento de culpa, a mente medieval voltou-se cada vez mais para os mosteiros e para o poder das relíquias. Os vestígios de um local sagrado ou restos mortais de uma pessoa santa — ou objetos com os quais tinham contacto — podiam atuar como poderosos defensores de um pecador. Desde o tempo de Carlos Magno em diante, muitos altares continham relíquias, e a sua veneração rivalizava com os sacramentos na vida quotidiana da igreja medieval.

As relíquias mais poderosas eram as associadas a Cristo ou à Virgem Maria, mas as de santos menores também podiam fazer milagres e tornaram-se amiúde pontos fulcrais de peregrinação. No século IX, os ossos de São Tiago Maior, um dos 12 apóstolos de Cristo, foram encontrados em Espanha, e os cristãos caminharam centenas de quilómetros através de território hostil apenas para terem uma oportunidade de os ver. A Catedral de Santiago, que albergava as relíquias, repelira tanto os ataques vikings como os muçulmanos, e na altura do discurso de Urbano havia-se tornado o local mais famoso da Cristandade.

Por conseguinte, quando Urbano mencionou Jerusalém, obteve uma onda de entusiasmo. Jerusalém não era apenas uma mera cidade, era o local onde Cristo vivera, morrera e ressuscitara.

---

<sup>14</sup> O termo latino para aqueles que fizeram o juramento de ir a Jerusalém era *cruce signati* — os marcados pela cruz —, dos quais recebemos os termos «cruzada» e «cruzado».

Se as roupas usadas por um santo eram sagradas, quanto mais não seria a cidade onde Jesus vivera? Tal como o próprio Cristo era a figura central da História, também Jerusalém era literalmente o centro do mundo.<sup>15</sup>

## PEREGRINAÇÃO

Não era nova esta crença na importância da casa terrena de Cristo, pois já no século II, apesar da oposição das autoridades romanas, que tentavam suprimir a religião, Jerusalém e Belém haviam-se tornado lugares populares para os cristãos visitarem. A viagem perigosa tinha, sem sombra de dúvida, mérito mais simbólico do que físico, uma vez que, graças a uma sucessão de governantes imperiais que fizeram o seu melhor para apagar Jerusalém da memória, não havia muito para ver. No ano 70, o imperador Tito saqueara a cidade tão brutalmente que, como o relata o historiador Flávio Josefo, «não foi deixada prova que pudesse persuadir os visitantes que outrora a cidade havia sido habitada». Durante uma geração esteve em ruínas até que Adriano a reconstruiu como uma colónia para os seus veteranos, dando-lhe o nome de Aelia Capitolina, e construindo propositadamente um grande templo a Vénus no local da crucificação de Cristo.<sup>16</sup>

Mas os cristãos nunca esqueceram o cenário físico dos Evangelhos. Embora a maioria fosse analfabeta, tudo lhes fora contado da vida de Jesus pelos seus sacerdotes, e sabiam de cor os nomes das aldeias e lugares com os quais tinha interagido. No século IV, Santa Helena, a mãe de Constantino, o *Grande*, apesar de já estar nos seus 70 anos, fez a primeira peregrinação «oficial» à Terra Santa para caminhar nas pegadas de Jesus. Segundo a lenda, ela foi guiada por um antigo judeu ao local do templo de Adriano,

<sup>15</sup> Os mapas medievais da Europa colocam geralmente o Leste ou «Oriente» no topo e Jerusalém no centro. É daqui que vem o termo «orientação».

<sup>16</sup> Praticamente o único local cristão que permaneceu intacto foi o Cenáculo, a casa onde se realizara a última ceia e onde os 11 discípulos sobreviventes se reuniram após a Crucificação. Ironicamente, a tentativa do imperador Adriano de suprimir o Cristianismo construindo templos — um a Vénus no local da Crucificação e outro a Júpiter sobre o túmulo — foi o que acabou por os preservar.

agora uma ruína usada como uma lixeira, onde descobriu a Vera Cruz enterrada sob as fundações.

Foram reveladas mais relíquias em posteriores escavações: a inscrição que fora pendurada sobre a cabeça de Cristo e os quatro pregos usados na sua crucificação.<sup>17</sup> Helena mandou limpar o local e o seu filho — o primeiro imperador cristão — edificou ali a Igreja do Santo Sepulcro. Helena passou o resto da sua vida a viajar pela Palestina, construindo igrejas memoriais em todos os locais sagrados que pudessem ser identificados. Este patrocínio imperial desencadeou uma enxurrada de peregrinos. No espaço de um século existiam mais de 200 mosteiros e alojamentos religiosos estabelecidos para os viajantes penitentes.

No final do século IV, São Jerónimo, o autor da Vulgata — a tradução latina da Bíblia —, argumentava que de Jerusalém irradiava uma espécie de «energia espiritual», e aconselhava os seus leitores a visitarem também outros locais-chave — Nazaré onde Cristo crescera, Belém onde nascera, o rio Jordão onde fora batizado e Canaã onde transformara água em vinho.<sup>18</sup>

A ideia de peregrinação tornou-se tão popular — e os fluxos de turistas tão perturbadores para os monges nativos — que no final da vida de Jerónimo, este sentiu necessidade de desencorajar a ideia, escrevendo que embora uma peregrinação pudesse completar a educação espiritual de um cristão, não era necessária para a salvação, e que uma boa vida podia ser vivida em qualquer lugar, uma vez que o caráter e a fé eram o que realmente importavam. Mas o próprio Jerónimo optara por passar as últimas quatro décadas da sua vida em Belém, e o apelo da Terra Santa aos fiéis apenas aumentou.

---

<sup>17</sup> Pelo menos dois destes ainda existem e podem ser vistos. Constantino derreteu um para fazer um freio para o seu cavalo, que foi mais tarde levado para Milão, encontrando-se na Catedral. Deu outro como presente a alguns príncipes lombardos em Itália, que lhe deram uma forma circular e criaram a famosa Coroa de Ferro da Lombardia, agora na Catedral de Monza. Este último é ligeiramente duvidoso, uma vez que foi pelo menos o *quinto* prego a que Constantino deu uso. Durante a Idade Média, mais de 30 igrejas afirmaram ter pedaços dos «Pregos Sagrados».

<sup>18</sup> Esta prática de peregrinação era por si só um costume antigo. No mundo romano, os pagãos fiéis viajaram grandes distâncias para obterem benefícios espirituais de visitar o grande templo de Diana de Éfeso, ou o túmulo de Hector, em Troia.

Visitar o local onde Jesus caminhara pode ter sido o sinal supremo da devoção espiritual, mas era também brutalmente difícil. A viagem demorava meses, era horrivelmente cara, e o peregrino tinha de enfrentar os perigos de um naufrágio, bandidos, um clima desconhecido, e muitas vezes uma população muito hostil. Se um viajante fizesse a viagem em segurança, ele ou ela tinha de obter os passes oficiais corretos para visitar os locais sagrados, e ter uma provisão disponível de dinheiro para subornar os burocratas muçulmanos que os entregavam. Além de tudo isto, existiam também as dificuldades habituais enfrentadas por estrangeiros num lugar desconhecido — comerciantes pouco éticos, guias desonestos, bugigangas a preços inflacionados e alojamentos pobres.

A viagem revelava-se tão difícil que por vezes era utilizada como castigo. Aos culpados de crimes especialmente notórios, como o homicídio, era-lhes ordenado que caminhassem até à Terra Santa com a arma do crime pendurada à volta do pescoço, sendo um sinal para os outros peregrinos de que eles não deviam ser tratados como penitentes vulgares, mas sim humilhados publicamente. Nos casos mais extremos, seria de esperar que os peregrinos castigados caminhassem em condições particularmente degradantes. Como o poeta inglês Chaucer observou, «quando um homem pecou abertamente [...] (deve ir) nu em peregrinações ou descalço». Como seria de esperar, tais penitentes eram obrigados a recolher assinaturas em todos os santuários que visitavam como prova de que lá tinham estado.<sup>19</sup>

Curiosamente, o facto de Jerusalém estar sob jugo muçulmano não tinha a princípio atrasado o comércio de peregrinos. O turismo era o fluido vital da Cidade Santa e — após um breve período de opressão — os governantes islâmicos foram rápidos a reconhecer<sup>20</sup>

<sup>19</sup> A ordem de andar descalço da Europa até à Palestina poderia muitas vezes revelar-se fatal. Para dar apenas um exemplo, em 1051, Swein Godwinsson, o irmão malcomportado do último rei de Inglaterra anglo-saxão, morreu de exposição ao atravessar as montanhas da Anatólia.

<sup>20</sup> Durante um dos piores períodos de repressão — 1012 — foi ordenada a destruição de todas as sinagogas e igrejas pelo califa meio-insano, al-Hakim. Além disso, todos

que era do seu melhor interesse manter o fluxo de ouro a entrar. Ao longo dos séculos, chegaram a um delicado equilíbrio com os cristãos. Em troca da permissão de os santuários permanecerem abertos e de protegerem os peregrinos no interior da cidade, era de esperar que os governantes cristãos encorajassem a peregrinação e enviassem prendas luxuosas para a manutenção dos locais existentes.<sup>21</sup>

Este acordo beneficiou bastante ambas as partes. Ouro jorrava nos cofres do Califado, e no início do século x, o estatuto dos cristãos na Palestina tinha de facto melhorado ao ponto de gozarem de quase tantos direitos como acontecera sob anteriores governos cristãos. O fluxo de tráfego humano era maior do que alguma vez tinha sido. Todos prestaram as suas homenagens, desde duques normandos, realeza inglesa, e até mesmo o terrível rei viking Harald Hardråda.<sup>22</sup> Um viajante muçulmano, que se dirigia para Jerusalém, até resmungou que os cristãos pareciam estar completamente no controlo, e alegou que era impossível encontrar um médico que não fosse cristão ou um banqueiro que não fosse judeu.<sup>23</sup>

Para qualquer observador de fora, esta relativa tranquilidade parecia duradoura. As duas grandes potências do Mediterrâneo — o Califado e Bizâncio — estavam em boas condições, relativamente estáveis, e tinham-se estabelecido no que pareciam ser fronteiras permanentes. Apesar de a posição cristã ser relativamente simples — Bizâncio fora sempre o grande protetor dos cristãos na Terra Santa —, a posição muçulmana era consideravelmente mais complexa.

Embora parecesse monolítico do exterior, o Islão estava profundamente dividido. A divisão principal — entre a minoria xiita

---

os não-muçulmanos tiveram de pagar um imposto e usar roupas distintas e símbolos degradantes — cristãos, grandes cruces de madeira, e os judeus, sinos.

<sup>21</sup> Carlos Magno construiu um espaçoso hotel para uso dos peregrinos e o imperador bizantino Constantino IX do século xi reconstruiu o Santo Sepulcro e gastou extravagantemente para ter o privilégio de manter locais cristãos em Jerusalém.

<sup>22</sup> Um dos peregrinos mais ignóbeis foi Roberto, o *Diabo* — pai de Guilherme, o *Conquistador* — que abandonou o filho na Normandia e morreu quando regressava de Jerusalém.

<sup>23</sup> Al-Muqaddasi, *Descriptions of Syria*, trad. por Le Strange, p. 37.

e a maioria sunita — é quase tão antiga como a própria religião.<sup>24</sup> Em termos políticos, os sunitas sempre dominaram, governando o imenso Califado abássida<sup>25</sup> da capital de Bagdade. No entanto, no século x, o califa sunita — literalmente «sucessor de Maomé» — estava sob o jugo de príncipes poderosos, e foi incapaz de impedir o estabelecimento de um califado xiita rival no Egito.

A ruína abássida foi impedida com a chegada dos turcos seljúcidas, uma tribo seminómada das Estepes da Ásia Central, um vasto território que se estendia das Montanhas Urais até ao atual noroeste da China. Como novos convertidos à fé sunita, eram soldados zelosos que conquistaram Bagdade e injetaram nova energia no decadente Califado. Em 1071, despedaçaram o exército bizantino na terrível batalha de Manziquerta, e no espaço de seis anos expulsaram os xiitas egípcios — conhecidos como Fatímidas após a sua dinastia dominante — do território sírio que tinham conquistado. Em 1077, estabeleceram uma fronteira ténue na Palestina, com Jerusalém agora nas mãos dos Turcos. O delicado equilíbrio que funcionara durante séculos foi abruptamente alterado.

Os novos amos da Cidade Santa ficaram horrorizados ao ver igrejas prósperas, que interpretaram como mais uma prova de que os seus predecessores xiitas hereges mereciam ser expulsos. Iniciaram rapidamente uma perseguição religiosa, destruindo igrejas, prendendo peregrinos e confiscando bens cristãos. Apesar de se terem rapidamente apercebido do seu erro — sem o comércio de peregrinos, Jerusalém rapidamente entrou em declínio —, os estragos já estavam feitos. Pelo Ocidente espalharam-se notícias das atrocidades cometidas, e com Bizâncio estropeado pela derrota em Manziquerta, o papa Urbano foi eleito.

Quando os próprios Turcos foram expulsos de Jerusalém em 1098 pelos mais tolerantes Fatímidas, a Primeira Cruzada já tinha sido iniciada.

---

<sup>24</sup> Além das diferenças teológicas, a disputa original era sobre quem deveria suceder Maomé quando este morreu. Os xiitas reconhecem o primo de Maomé, Ali, enquanto os sunitas reconhecem o sogro de Maomé, Abu Bakr, como o sucessor legítimo.

<sup>25</sup> O nome deriva do seu primeiro governante, Abbas, tio de Maomé.

# De Ricardo, *Coração de Leão* ao lendário Preste João, dos imperadores de Bizâncio aos Cavaleiros Templários.



No século XI, um vasto exército cristão, convocado pelo papa para travar uma guerra santa, invadiu o mundo islâmico, apoderando-se de Jerusalém, cidade venerada por ambas as fés. Nos duzentos anos que se seguiram à Primeira Cruzada, o Islão e o Ocidente lutaram pelo domínio da Terra Santa, enfrentando-se numa sucessão de combates brutais, ambos firmes na crença de serem instrumentos de Deus.

*Breve História das Cruzadas* relata as lutas épicas da perspectiva quer dos Cristãos, quer dos Muçulmanos, reconstituindo as experiências e atitudes dos indivíduos nos dois lados do conflito. Lars Brownworth apresenta-nos um mundo exótico, povoado por imperadores poderosos, templários condenados, generais destemidos e camponeses ambiciosos, que dão vida a uma era de esplendor, aventura e fé, como nenhuma outra na História.

**v o g a i s**

com todas as letras

**20|20 editora**

ISBN 978-989-564-719-4



9 789895 647194

História